

Seminários de Pesquisa de Pós-Graduação - PROMESTRE

Autora: DANIELLA ALMEIDA PEREIRA

Orientadora/coautora: MARIA AMÁLIA DE ALMEIDA CUNHA

“FAZENDO O IMPOSSÍVEL”: a preparação para o Enem de jovens de cursinhos populares na pandemia

A massificação do ensino básico, a relação entre escolarização e níveis salariais mais elevados e a demanda por qualificação e inovações no cenário globalizado têm aumentado a busca pelo diploma universitário no Brasil (CARVALHAES; RIBEIRO, 2019). Esse nível de ensino, historicamente naturalizado para as classes médias e altas (CATTANI; SANTOS KIELING, 2007), nas últimas décadas passou a ser requerido e cada vez mais acessado pelas classes populares.

O ingresso das classes populares no Ensino Superior, entretanto, não aparece como caminho natural, como vem às classes elevadas. É fruto de esforços e estratégias diversas, que vão desde a extensão do horizonte temporal até o ajustamento de expectativas, além da utilização de cursinhos preparatórios (VIANA, 2007).

O conhecimento sobre o “efeito-cursinho” (WHITAKER, 1989) fez com que esse serviço fosse cada vez mais procurado para os vestibulares, que tornaram-se mais concorridos. A possibilidade de ofertar esse tipo de preparação às camadas que não podem arcar com os custos desses preparatórios na rede privada levou à criação de cursinhos populares, que tiveram sua expansão a partir da década de 1980, vinculada a movimentos sociais (ZAGO, 2008). De modo geral, eles são gratuitos, têm como alvo grupos sociais vulneráveis, contam com professores voluntários e realizam atividades voltadas não só para o conteúdo dos exames de seleção, mas também ligadas a pautas político-sociais (idem).

Considerando que o Enem tornou-se a principal forma de acesso ao Ensino Superior no Brasil, utilizado de forma ampla como seleção nas instituições públicas e como critério de acesso aos programas governamentais de bolsas e financiamentos, os cursinhos populares têm focado em preparar seus alunos para o exame.

No ano de 2020, porém, os cursinhos tiveram que suspender as aulas presenciais devido à necessidade de distanciamento social imposta pela pandemia de coronavírus. Algumas iniciativas suspenderam completamente as aulas por tempo indeterminado, enquanto outras optaram por ofertar as aulas de forma remota. Com as aulas *online* e considerando a condição socioeconômica do público atendido por essas

iniciativas, questiona-se: como tem sido a preparação para o Enem dos jovens de cursinhos populares no contexto de pandemia?

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, cujo objetivo geral é compreender como as desigualdades sociais são percebidas por jovens estudantes de cursinhos populares e como eles enxergam os atravessamentos das desigualdades nos seus processos de transição para o Ensino Superior. Neste resumo, são apresentados os resultados parciais, atendendo ao objetivo específico de compreender como tem sido o processo de preparação para o Enem no cenário de pandemia a partir da visão de jovens de um cursinho popular com oferta de aulas remotas.

Para compreender essa realidade, foram realizados grupos de discussão com jovens de cursinhos populares de Belo Horizonte. Para este trabalho, serão apresentados os resultados preliminares do grupo de discussão realizado no cursinho A (nome fictício). O grupo de discussão foi adotado como estratégia para a obtenção do posicionamento desses jovens, de “dados que permitam a análise do meio social dos entrevistados, bem como de suas visões de mundo” (WELLER, 2006. p. 144). Ele foi realizado por plataforma de videochamada no mês de junho de 2020. Participaram três alunos do cursinho A e uma ex-aluna, atual coordenadora da iniciativa, identificados aqui por nomes fictícios. As análises dos dados foram baseadas em referenciais da Sociologia da Educação.

Os resultados preliminares obtidos indicam dificuldades comuns à população de modo geral, como aquelas ligadas à insegurança de renda, ao medo de adoecer e às implicações do distanciamento social para a saúde mental. Indo especificamente para a preparação para o Enem, os jovens afirmaram sentirem-se “um lixo na questão de estudo” (Douglas), pois o ambiente doméstico é apontado como o “pior lugar” para se concentrar, devido a ausência de um espaço reservado e adequado e às frequentes interpelações familiares. As obrigações domésticas somam-se ao desgaste do trabalho – pois alguns jovens continuaram trabalhando normalmente, “não tive nada de quarentena” (Vanessa) – e reduzem o tempo e a disposição para estudarem. Ainda, relataram não possuírem equipamentos (celulares e computadores) de qualidade, além de terem que dividi-los com outros membros da casa.

Essas questões relacionadas ao ambiente doméstico e equipamentos são empecilhos decorrentes da pandemia, pois durante as aulas presenciais a maior parte dos estudos era realizada no ambiente do cursinho e a necessidade de equipamentos era praticamente nula. Sobre isso os jovens teceram fortes críticas à propaganda governamental sobre Enem 2020, dizendo que “não dá para estudar como der, de onde

puder, da forma que puder. Não dá! (...) Não é simples como parece na propaganda, não!” (Vanessa).

Outras dificuldades estão relacionadas à pouca autonomia, pois os jovens alegaram necessitar de ter “alguém ao lado”, orientando e auxiliando a “absorver os conteúdos” e a manter o foco (Alice). Esse aspecto remete à heteronomia, característica comum à socialização das classes populares (LAHIRE, 1997). Devido à autonomia e ascetismo pouco cultivados (THIN, 2006), além das questões materiais e necessidades de trabalho, os jovens têm que se esforçar muito mais para organizarem cronogramas e rotinas de estudo.

Nesse aspecto, o papel dos cursinhos tem sido crucial para auxiliar os jovens a criarem um “compromisso”, reservarem um horário e, ainda que não consigam se dedicar exclusivamente à aula, vão “tentando absorver o conteúdo da maneira que der”, alegando que se não fosse o cursinho, eles não estariam “no mesmo pique” (Alice). A rotina de aulas, a disponibilidade dos professores e a interação com colegas, ainda que em meio virtual, têm auxiliado os jovens a não desistirem de realizarem o Enem neste contexto da pandemia.

Mesmo com as dificuldades quanto aos equipamentos, os jovens alegam que “o cursinho continua me ajudando. Ele continua me fazendo acreditar que ainda é possível” (Douglas). Assim, além de prepararem em relação a conteúdos das disciplinas escolares, numa “educação compensatória” (CARVALHO, 2006), já que, oriundos de escola pública, os jovens percebem que “só com a sua base de Ensino Médio, você não aguenta [ir bem no Enem]” (Douglas), os cursinhos atuam de forma a fortalecer a autoestima, com um suporte afetivo com o objetivo de interiorização do acesso à universidade como um direito.

Enfim, no cenário de pandemia, os jovens têm encontrado empecilhos extras, decorrentes de sua origem social, para o já laborioso processo de ingresso no Ensino Superior. Reconhecem-se em uma condição desfavorável e demonstram uma visão crítica, condizente com o posicionamento ideológico do cursinho, da educação como direito, que “tem que ser para todo mundo” (Vanessa) e que os processos seletivos não são justos. Mesmo nessas condições, têm realizado um sobreesforço, auxiliados pelos cursinhos, para manterem o Ensino Superior em seus horizontes, fazendo “o impossível para poder continuar estudando” (Douglas), o que não pode ser naturalizado.

REFERÊNCIAS

CARVALHAES, F.; RIBEIRO, C. A. Estratificação horizontal da educação superior no Brasil. **Tempo Social**, n. 1, vol. 31, Jan-Abr. 2019. p. 195-233.

CARVALHO, J. C. B. Os cursos pré-vestibulares comunitários e seus condicionantes pedagógicos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, maio/ago. 2006. p. 299-326.

CATTANI, A. D.; SANTOS KIELING, F. A escolarização das classes abastadas. **Sociologias**, n. 18, ano 9, jun./dez 2007. p. 170-187.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

THIN, D. Famílias de camadas populares e a escola: confrontação desigual e modos de socialização. In: MULLER, M. L. R.; PAIXÃO, L. (Orgs.). **Educação – Diferenças e Desigualdades**. Cuiabá: EdUFMT, 2006.

VIANA, M. J. B. Longevidade escolar em famílias de camadas populares – Algumas condições de possibilidade. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. **Família & escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e pesquisa**, v.32, n.2, maio/ago. 2006, p. 241-260.

WHITAKER, D. C. A. **UNESP**: Diferentes perfis de candidatos para diferentes cursos: Estudo de variáveis de capital cultural. Série Pesquisa Vunesp, Vol. 2. São Paulo: Fundação Vunesp, 1989.

ZAGO, N. Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. **Perspectiva**, v. 26, n. 2, jan./jun. 2008. p.149-174.